

1 Introdução

A presente dissertação discute as relações entre o discurso científico e a psicose de forma a refletir sobre as possibilidades da intervenção psicanalítica no contexto contemporâneo. Esta é uma dissertação otimista. Pelo menos, foi no que ela se tornou com o caminhar. Nosso ponto de partida funda-se no paralelo empreendido por Jacques Lacan entre ciência e psicose - analogia que para mim vinha acompanhada de uma preocupação com os tempos atuais, com a previsão de um futuro aterrorizante. Mas por que a aproximação entre ciência e psicose tomou para mim esse tom pejorativo de ruína, de fracasso? O que isso tinha a ver com a minha experiência clínica junto à psicose?

A saúde mental é, dentro da esfera pública, o campo da saúde que se empenha a cuidar daqueles que precisam de ajuda por serem acometidos pelo sofrimento mental. No passado, limitada aos hospitais que só podiam responder ao problema da loucura com internações, a saúde mental complexificou seu aparato clínico a partir da reforma psiquiátrica investindo na abertura de CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) e incrementando a assistência nos ambulatórios. Uma das propostas atuais da saúde mental é, a partir desses recursos inseridos no território, providenciar agenciamentos clínicos e sociais que sustentem os que sofrem em um tratamento que os auxilie a enfrentar as questões referentes a sua existência.

A saúde mental é, sabidamente, um campo de atuação difícil tanto pela complexidade das questões envolvidas, quanto pela imprevisibilidade inerente a nossa prática que, necessariamente, terá que ser repensada a cada caso. Mas, para responder às perguntas que me formulei, foi necessário deixar outras questões do campo da saúde mental em geral, para focar na minha trajetória nesse trabalho, particularmente.

Minha formação – estágio e residência, se dirigiu prioritariamente aos dispositivos de saúde mental e mais recentemente me dediquei por dois anos ao Serviço de Internação de Agudos Feminino (SIAF) do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba, que funciona como única enfermaria para internação psiquiátrica pública do município de Niterói. Trata-se de um serviço que se destina a receber as pacientes em um momento crítico da psicose para, depois de estabilizada a crise, encaminhá-las para o seu tratamento na rede extra-hospitalar. O SIAF recebe desde pacientes nos primeiros momentos do desencadeamento da psicose, até pacientes com um longo histórico nos dispositivos de saúde mental, já vinculadas aos CAPS ou aos ambulatórios. Isso significa que nos encontramos no SIAF tanto com pacientes que nunca tiveram nenhum suporte clínico em saúde mental, quanto com pacientes que já dispararam as intervenções de toda uma rede de cuidados.

Neste percurso, a inserção dos pacientes nos CAPS ou ambulatórios de modo algum demonstrou que a psicose passa a funcionar bem pelo fato em si do paciente encontrar-se em tratamento. Deparamo-nos com casos que apesar da vinculação ao serviço extra-hospitalar, apesar do enorme investimento da equipe desse serviço e de um variado e particularizado arsenal terapêutico, esse suporte fracassa e as pacientes chegam ao SIAF desmanteladas subjetivamente. Ainda que as equipes tentassem sustentar que a paciente não se internasse adequando o serviço para receber e cuidar da crise, freqüentemente, era impossível evitar a internação. Isso gera tensão dentro uma política pública de saúde mental que pretende prescindir da internação e que nos faz tomar cada reinternação como fracasso.

Quem trabalha com a internação, trabalha com o fracasso, com o que não deu certo e talvez esse seja o tom no qual a psicose tem reverberado em mim. Assim, fica mais visível o porquê do advento da ciência ser tomado por mim, a princípio, como catástrofe: se a psicose é ruína, logo uma cultura regida por um modo de funcionamento em que predomina uma abolição radical do sujeito, que Lacan (1955-56) denomina “foraclusão”, por ele constatada tanto na ciência quanto na psicose, certamente também o seria.

Só foi possível começar assim, ou seja, tentando alertar sobre os absurdos e os perigos desse *admirável mundo novo*, e só porque parti deste começo, é que algumas mudanças puderam paulatinamente ir se apresentando na confecção desta dissertação. São mudanças modestas, nenhum *insight*

fabuloso, nada que eu já não tenha ouvido falar antes. O que vale é que algumas noções básicas, portanto fundamentais, sobre ciência, sujeito e psicose, dentre outras puderam ser intimamente reformuladas, puderam ser rearticuladas a partir do meu caminhar.

Mas, antes de falarmos do ponto de chegada, vamos primeiramente a como se deu o percurso escolhido para abordar as semelhanças e as distinções existentes entre o discurso da ciência e a psicose.

O primeiro capítulo aproxima-se da construção da noção de sujeito da psicanálise como vazio. Veremos que é justamente este vazio que segundo Lacan (1965) está foracluído na ciência. Começaremos pensando em como “o encaminhamento de Freud é cartesiano” (Lacan, 1964: 38), delimitando o sujeito da ciência e tomando o seu nascimento como ponto seminal para o que veio a ser o sujeito da psicanálise. Com base nas indicações de Lacan e de seus desdobramentos por J. C. Milner (1996) veremos que a dúvida hiperbólica indicada no *cogito* cartesiano inaugura o modo de pensar moderno ao instituir que o pensar só é índice da verdade quando desbastado de toda característica.

É condição que o sujeito da ciência esteja despojado de qualquer predicado, da consciência de si inclusive, e esta condição termina por desvincular o pensamento da consciência. Segundo Milner (1996) ao fixar um ponto de ancoragem da verdade em um além da consciência, Descartes abre as portas para o pensamento freudiano sobre o inconsciente. Lacan avança sobre a questão do sujeito da psicanálise localizando a origem deste no campo da linguagem e o submetendo às leis desta. Isso faz necessário que nos debrucemos sobre a linguagem e suas leis para compreendermos de que maneira ela engendra e determina o funcionamento do sujeito. Confluindo nossas observações sobre o *cogito* e a leis da linguagem, veremos que o sujeito se estrutura de um modo que o aproxima mais da hiância - do furo¹, do que da consistência. É por ser, veremos, um *vazio estruturante* (Vieira, 2008b: 32) que o sujeito pode funcionar como força motriz que alinhava ao seu redor os significantes, somente assim, vindo a conferir uma aparente identidade, um *eu* como contorno a esse vazio. Por ser esse furo que sustenta a estrutura do discurso, também nos remeteremos a ele como um impossível, não porque ele seja impossível de ser preenchido, mas sim porque ao fazê-lo desfigura-se a

¹ Veremos durante a dissertação que o “furo” merece uma definição rigorosa para que as reflexões dessa dissertação façam sentido.

estrutura original que portava este furo e esta passa a ser diferente do que era a princípio.

A partir destas reflexões sobre o sujeito da psicanálise, discutiremos no segundo capítulo, sobre o destino que a ciência lhe reserva a partir dos constructos teóricos de Koyré (1982, 2006). Para isso, será preciso apreender os fundamentos da ciência moderna para localizar neles a raiz do que Lacan designou como *foraclusão*. Veremos que a ciência moderna tem a matemática como linguagem suprema e que o postulado sintetizado por Galileu de que Deus construiu o mundo em linguagem matemática, extingue a distância entre os números, as figuras geométricas e o mundo real. É a partir desse postulado que a ciência ergue o seu edifício teórico passando a se dirigir ao campo empírico, entendendo que este é composto por matema.

Deste ponto do segundo capítulo até o seu final tento me aproximar de como seria a relação da ciência moderna e o vazio que nomeamos a partir de Lacan como sujeito. Primeiro poderemos notar um desinteresse por esse vazio, porque este não servirá para nada no estabelecimento das leis científicas. Mas precisaremos ir adiante porque dizer que a ciência não se interessa ou que ela ignora o impossível não nos informa sobre a radicalidade da operação da ciência sobre o sujeito.

Ao tomarmos a contraposição entre ciência antiga e moderna empreendida por Koyré (1982) poderemos perceber que na passagem de uma ciência para a outra a maneira como o cientista se dirige ao mundo sofre uma mudança importante. O real, que na antiguidade era tido como hermético e preche de mistérios, ao ser entendido como composto por caracteres matemáticos na modernidade, passa a ser um real acessível, legível. Neste sentido, não existiria mais nenhum ponto obscuro que a ciência moderna não pretendesse iluminar ou que para ela fosse impossível conhecer ou desvendar.

Veremos que Koyré (1982) sinaliza uma exclusão do vazio estruturante pela ciência moderna e, para ver no que essa exclusão sublinhada por Koyré coincide com a *foraclusão* do sujeito, precisaremos nos deter sobre a operação lógica da *foraclusão*, mecanismo lógico próprio da psicose, tal qual designada por Lacan (1955-56).

Após a reflexão sobre o destino que a ciência dá ao vazio, passamos ao terceiro capítulo, no qual discutiremos a noção de foraclusão a partir da teoria da psicose. Partiremos, com base no estudo de Michel Arrivé, do uso do foraclusivo na língua francesa, indicando que este expulsa a ação ou idéia em questão do campo do que é possível, para chegarmos a *Verwerfung* isolada por Freud em 1894 como mecanismo de defesa da psicose. Freud sinaliza que a partir da *Verwerfung* não há registro algum da representação, enquanto que em *Verneinung*, mecanismo relativo à neurose, a representação seria somente negligenciada, ignorada.

Como Freud insistiu, a representação não deixa de existir mesmo que não se tenha registro da sua existência porque ela retorna e o mecanismo que incidiu sobre ela determinará a modalidade desse retorno. Lacan nos informa que o retorno do que sofreu *Verwerfung* vai se dar no real e para aclarar o que isso significa nos apoiaremos na alucinação como fenômeno que nos esclarece sobre o retorno do foracluído bem como nos subseqüentes efeitos dessa irrupção. Adiantamos que na alucinação algo desconhecido até então irrompe provocando estranheza e um verdadeiro remanejamento do mundo no sentido de acomodar isso que surge. Essa acomodação deflagrada pela alucinação não portará um furo em sua constituição, o que caracteriza o que Lacan designa como construção imaginária.

Esse caminho que vai da *Verwerfung* até a mediação imaginária entre o sujeito e o mundo se dá desta forma e não de outra porque o que é foracluído tem uma importante função de sustentação do furo e, sem esta instância a possibilidade desse furo se manifestar dentro da ordem simbólica será cortada pela raiz. Lacan discrimina esse elemento foracluído na psicose como o Nome-do-Pai e nos deteremos em sua operação lógica sobre o impossível, na função desse vazio estrutural da linguagem. Será necessário que cotejemos as marcas de sua entrada na neurose, fazendo alusão às expressões “estrada principal” (Lacan, [1955-56]: 329) e “ponto de basta” de Lacan ([1955-56]: 303), para alcançarmos os efeitos de sua foraclusão na psicose.

Veremos que a presença do Nome-do-Pai oferece balizas à estruturação no sujeito neurótico, contudo, esta função se encontra foracluída na psicose. Desta forma, tornou-se necessário entender de que forma se estrutura o sujeito psicótico, e para tanto, encontramos em Lacan as indicações de que a psicose

seria uma via alternativa de estruturação, um caminho não referenciado pelo Nome-do-Pai.

No capítulo final retomaremos os elementos dos capítulos anteriores para notar as coincidências e as diferenças existentes entre ciência e psicose principalmente no que tange à posição destas diante da linguagem, bem como os efeitos desta posição. Partindo da concepção de sujeito da psicanálise como impossível, afirmamos que na ciência e na psicose há a forclusão do impossível. Tal afirmação nos levou a refletir sobre os efeitos da ação do discurso científico sobre o campo do sujeito. Assim, entendemos a ciência como discurso que incide de maneira importante na modernidade, tendo como ilustração alguns dos fenômenos da sociedade líquido-moderna de Bauman (2009) para refletir sobre os impasses e as possibilidades que se colocam para a intervenção da psicanálise nesse ensejo.